



Estado do Maranhão
Câmara Municipal de Bacabal

Munida de uma bolsa e da roupa do corpo, estava resolvida a encontrá-lo vivo ou morto. Ela sabia apenas que ele tinha ido ao Pará.

Quando o filho Abel parou de dar notícias, cerca de um mês depois de ter partido para o Estado vizinho para buscar fortuna como garimpeiro, a fé ajudou-a na peregrinação em busca do caçula.

A oleira percebeu que havia algo errado quando telefonou para parentes que Abel pretendia procurar no Pará. Surpresos, os familiares disseram-lhe que sequer sabiam da viagem do jovem e que não haviam sido contatados por ele. "Medo eu não tinha. Nunca tive. Mas tinha a certeza de que ia ir atrás dele, porque eu tenho um Deus. Eu chamava ele e dizia 'não deixa eu morrer, deixa eu ir ao fim. Eu quero ir ao fim dessa briga'", diz Pureza à BBC News Brasil, por telefone, de Bacabal, onde vive com uma neta. Em busca do filho, Pureza começou a trabalhar como cozinheira em fazendas do sul do Pará, para onde acreditava que o filho tinha ido.

De fazenda em fazenda, Pureza conheceu de perto o drama dos peões. As habilidades de cozinheira e a condição de mulher madura fizeram com que se tornasse amiga e confidente de muitos trabalhadores. Ouviu sobre o sistema pelo qual os empregadores confiscavam documentos de identificação dos empregados e tornavam-nos totalmente dependentes dos encarregados para comer, se vestir, se abrigar e obter remédios. Embora não tenha presenciado assassinatos, ouviu de muitos que o destino à espera de quem tentava se rebelar ou fugir eram covas sem identificação na floresta.

Na tentativa de resgatar o filho, Pureza moveu céu e terra. Apoiada pela CPT, fez contatos com o Ministério do Trabalho e o Ministério Público do Trabalho no Maranhão, no Pará e em Brasília. Escreveu cartas de próprio punho para três presidentes da República: Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso (o único a responder foi Itamar).

Pureza havia esbarrado numa das pontas do iceberg do trabalho em condições análogas às de escravidão no Brasil.

Apesar das dificuldades, nunca pensou em desistir. "Não tem nada perdido para Jesus. Quando Jesus entra na guerra, não tem nada perdido, é só ganhar". Ao final da peregrinação, com apoio de autoridades, Pureza conseguiu localizar e resgatar o filho caçula. Hoje, Abel vive em Bacabal com a família.